

IGNORÂNCIA NÃO É NEUTRA: A URGÊNCIA DE LEITURAS FEMINISTAS

IGNORANCE IS NOT NEUTRAL: THE URGENCY OF FEMINIST READINGS

LA IGNORANCIA NO ES NEUTRA: LA URGENCIA DE LAS LECTURAS FEMINISTAS

Sharon Elizabet Rogoski¹

Keyla Andrea Santiago Oliveira²

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMC. E-mail: sharonrogoski@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6458813327968220>; Orcid iD: 0009-0007-7189-99505.

² Pós- Doutora pela Universidade de Brasília- UNB. E-mail: keylaandrea@uems.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2084936240964535>, Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0805-106X>.

RESUMO

Este estudo analisa as razões pelas quais mulheres feministas enfrentam rejeição social, apontando que essa hostilidade não é neutra, mas parte de estratégias para deslegitimar a luta por igualdade de gênero e manter estruturas dominantes. A pesquisa, de caráter bibliográfico, utiliza autoras como Nancy Fraser, bell hooks e Marcia Tiburi para mostrar que o feminismo é uma ferramenta crítica contra múltiplas violências. Argumenta-se que a “demonização” das feministas sustenta desigualdades e beneficia seus opositores. O texto defende a importância de leituras feministas críticas e diversas para o enfrentamento das opressões, pois o letramento crítico emancipador permite reconhecer e combater formas explícitas e veladas de violência. Assim, reforça-se a necessidade de compreender os Feminismos como caminhos para a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica, leituras feministas, demonização dos feminismos.

ABSTRACT

This study analyzes the reasons why feminist women face social rejection, pointing out that this hostility is not neutral, but part of strategies to delegitimize the struggle for gender equality and maintain dominant structures. The bibliographic research uses authors such as Nancy Fraser, bell hooks, and Marcia Tiburi to show that feminism is a critical tool against multiple forms of violence. It argues that the “demonization” of feminists sustains inequalities and benefits their opponents. The text defends the importance of critical and diverse feminist readings to confront oppression, as emancipatory critical literacy allows us to recognize and combat explicit and veiled forms of violence. Thus, it reinforces the need to understand feminisms as paths to social transformation.

KEYWORDS: Critical Theory, feminist readings, demonization of feminisms.

RESUME

Este estudio analiza las razones por las que las mujeres feministas se enfrentan al rechazo social, señalando que esta hostilidad no es neutral, sino que forma parte de estrategias para deslegitimar la lucha por la igualdad de género y mantener las estructuras dominantes. La investigación, de carácter bibliográfico, utiliza autores como Nancy Fraser, bell hooks y Marcia Tiburi para demostrar que el feminismo es una herramienta crucial contra múltiples formas de violencia. Se argumenta que la demonización de las feministas perpetúa las desigualdades y beneficia a sus oponentes. El texto defiende la importancia de las lecturas feministas críticas y diversas para afrontar la opresión, ya que la alfabetización crítica emancipadora permite reconocer y combatir las formas explícitas y veladas de violencia. De este modo, refuerza la necesidad de comprender los feminismos como vías de transformación social.

PALABRAS CLAVE: Teoría Crítica, lecturas feministas, demonización de los feminismos.

INTRODUÇÃO

Quando a preconceção de um significado permanece enraizada no cerne cultural de uma sociedade inteira, é muito comum encontrarmos pessoas que, ao ouvirem falar dos Feminismos, suscitam prontamente adjetivos pejorativos e depreciativos às mulheres abertamente reconhecidas como feministas ou àqueles que defendem os Feminismos. Em outras palavras, o preconceito gerado pela falta de leituras críticas emancipadoras faz até surgir uma inversão de significados, como se o “ser feminista” fosse – num contexto limitado específico – um xingamento. Mas ao contrário da intenção de ofensa, evidencia-se a falta de uma leitura crítica do mundo que cerca as mulheres, além do desconhecimento das lutas e conquistas que constroem a história delas.

Porém, a ignorância não é neutra. Dominar o pensamento das massas é necessário para a continuidade do *status quo*. As mulheres, nesse contexto, foram submetidas à dominação desde antes de Aristóteles, conforme exposto por Tiburi (2019):

No mundo da *pólis* grega, se exerce a voz que leva à expressão e à partilha das ideias. Assim se constitui o reino da democracia ateniense ocupado pelos homens na *ágora* que é, justamente, o espaço público do encontro entre cidadãos. No espaço da casa, há o trabalho, a procriação e a sustentação organizada da vida (Tiburi, 2019, p. 105).

Há mais de dois mil anos, são os homens que ainda dominam os espaços das discussões das ideias. Isso poderia ser comparado aos espaços ocupados no meio político, mas na vivência diária é visível o lugar da casa direcionado às mulheres. Em datas festivas é comum observarmos como os supostos elogios são a reprodução de uma forma misógina de enxergar as mulheres, as mensagens comumente trazem textos como “guerreira”, “rainha do lar”, “mulheres mudam o mundo com delicadeza”. Todas elas minimizam as violências cometidas. E as que sobrevivem a este sistema, são chamadas de guerreiras. Mas estas mulheres apenas lutam por conta do descaso com elas em todas as áreas. As rainhas dos lares são as mulheres que carregam a carga mental do comando de uma casa inteira, sem uma divisão de tarefas. A última frase, podemos dizer que é a extração de uma revolta, é o direcionamento à aceitação, à obediência projetada e esperada pelo sistema, em outras palavras, é o silenciamento escondido em forma de elogio.

Ou seja, avançamos, mas, apesar de alguns avanços, ainda reproduzimos diversas vivências masculinistas milenares que, segundo Lerner (2022), nos foram apresentadas como naturais. Para a autora, se houvesse o entendimento de que são apenas construções sociais, seria mais fácil de serem refutadas e entendidas, mas, ao ser apresentadas como naturais “vem no pacote

o conformismo de que é assim que as coisas são, sempre foram e sempre serão” (Lerner, 2022, p. 16). Esta visão está igualmente enraizada em grandes proporções aos sistemas religiosos, os quais determinam de forma geográfica, a cada indivíduo, de forma genérica, a crença que ele defenderá e que professará em sua existência.

Enquanto sociedade, estamos longe de uma emancipação do pensamento. E o afastamento de uma leitura crítica do mundo, nos direciona cada vez mais à aceitação do pensamento que somos direcionados, desde o nascimento, a reproduzir. Assim, o presente artigo propõe uma reflexão sobre as consequências da ausência da leitura crítica a respeito dos feminismos, pois isso impacta diretamente em nossa forma de existir, uma vez que a opção contrária à emancipação do pensamento nos aprisiona na reprodução sistemática das opressões, já que as crenças, herdadas de forma bancária – que para Freire (2021) seria uma aprendizagem onde os sujeitos se tornam depositários de um conteúdo memorizado, sem reinvenção, e sem uma crítica transformadora – nos fazem reprodutores de uma vivência que não foi escolhida por meio de um pensamento emancipado, mas que é apenas reproduzido transgeracionalmente a partir da localidade física e social de cada indivíduo.

Ressalta-se, no entanto, que as escolhas conscientes, e que as leituras feministas emancipadoras não anulam a possibilidade de adesão à religiosidade. Ao contrário, o feminismo nesta conjuntura “ajudou a transformar os pensamentos religiosos patriarcais de maneira que mais mulheres possam encontrar uma conexão com o sagrado e se comprometer com a vida espiritual” (bell, 2022, p. 155).

O texto de bell expõe como é comum vermos que a reprodução destes contextos que abraçam a reprodução milenar de crenças, não é neutra, isto é, o apagamento histórico, e a repressão do pensamento feminista servem, como vimos, para a manutenção de um sistema que, para além dos privilégios sociais, lucra economicamente com a exploração dos corpos generizados, estes que precisam lutar para poder efetivar sua existência.

Assim, a “demonização” dos conteúdos feministas e a rejeição sistemática de suas pautas não são exatamente uma escolha consciente, mas sim a reprodução projetada para as massas, cuja dominação é realizada por meio de um terrorismo supostamente endossado pelo céu, e o suborno fictício, de uma vida plena, ou infernal após a morte. Mas, a ameaça constante é apenas uma das armas de dominação usadas contra os corpos resistentes ao patriarcado.

Assim direcionadas, desenvolvemos este artigo por meio de uma análise crítica, bibliográfica, voltada ao incentivo da leitura crítica dos feminismos. Ancoradas na teoria crítica que visa à emancipação das mulheres e da sociedade, o presente trabalho também constrói uma crítica social às formas de resistência à emancipação e resistência ao avanço das lutas das mulheres.

Destacamos aqui as expoentes deste trabalho, das quais destacamos a brasileira Marcia Tiburi (2019) e outras mulheres de igual importância de outros países como Nancy Fraser (2024), bell hooks (2022), Gerda Lerner (2022), entre outras mulheres que, de forma global, propagam diversas formas de Feminismos, o que possibilitou o surgimento do feminismo negro, do feminismo interseccional, do feminismo indígena, do ecofeminismo, do feminismo radical, do transfeminismo e tantas outras formas nas quais eles se fazem presentes. Todos eles diferentes, mas interconectados pelo cerne anticapitalista, que por ser contra todas as opressões que nos aflige enquanto mulheres e enquanto sociedade também são feminismos emancipadores. Ao contrário do feminismo liberal ou neoliberal, que apenas visa a ascensão de mulheres sem a emancipação social de todas e sem o fim das opressões.

Embora distantes dos ideais sem violência imaginados e ansiados pelos Feminismos, a esperança de igualdade de gêneros e de justiça social para todos é latente e nos impulsiona à continuidade para conseguirmos cada vez mais apontar quem e por que criam tantas falácias que tentam nos dominar pelo medo, pelas violências e pela demonização das feministas.

QUEM LUCRA COM O MEDO DOS FEMINISMOS?

Antes de respondermos à pergunta acima, surge um outro questionamento: Com os índices bárbaros de violências contra as mulheres e contra seus filhos, por que não aderimos todos aos Feminismos para acabar com todas as formas de violências? Para elucidar nossa resposta nos apoiaremos em diversas mulheres que explicam a pluralidade dos feminismos que existem na atualidade, assim como na necessidade da pluralização dos mesmos, e como esta luta transborda o entendimento de que os Feminismos são apenas para mulheres.

Segundo Arruza, Bhattacharya, Fraser (2019), precisamos de um feminismo anticapitalista que seja para 99% da humanidade. É por isto que elas criaram o manifesto que é também o título de seu livro, intitulado “Feminismo para os 99%”. O feminismo destas mulheres recusa-se:

[...] a sacrificar o bem-estar da maioria a fim de proteger a liberdade da minoria, ele luta pelas necessidades e pelos direitos da maioria das mulheres pobres e da classe trabalhadora, das mulheres racializadas imigrantes, das mulheres queer, das trans e das mulheres com deficiência, das mulheres encorajadas a enxergar a si mesmas como integrantes da “classe média” enquanto o capital as explora. E isso não é tudo. Esse feminismo não se limita às “questões das mulheres” como tem sido tradicionalmente definido. Defendendo todas as pessoas que são exploradas, dominadas e oprimidas, ele tem como objetivo se tornar uma fonte de esperança para a humanidade (Fraser, 2019, p. 41-42).

Em outras palavras, as autoras defendem a libertação das mulheres de toda forma de opressão, pois, segundo Freire “Se a tomada de consciência abre caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão” (2021, p. 32). Contudo, os que se beneficiam do masculinismo criaram narrativas de dominação para poder continuar lucrando e se beneficiando. E, as narrativas são adotadas por outras mulheres que ao seguirem a cartilha imposta por eles, se beneficiam também, até certo ponto, das opressões que causam, uma vez que “[...] a expansão do capital não acontece pela troca de equivalentes, como sugere a perspectiva de mercado, mas precisamente pelo seu oposto: pela não remuneração de uma parte do tempo de trabalho dos trabalhadores” (Fraser, 2024, p. 30).

Ou seja, a exploração dos trabalhadores também é realizada pela exploração de mulheres por outras mulheres. Como é comum, por exemplo, a terceirização dos serviços domésticos ou de cuidados, ao invés da divisão igualitária destas tarefas entre seus moradores.

Conforme descrito por Fraser (2024, p. 30):

[...] a atividade de reprodução social é absolutamente necessária para a existência do trabalho assalariado, a acumulação de mais-valor e o funcionamento do capitalismo como tal. O trabalho assalariado não poderia existir na ausência do trabalho doméstico, da criação dos filhos, da educação, do cuidado afetivo e de diversas outras atividades que ajudam a produzir novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras e a repor as existentes [...] Portanto, assim como a “acumulação original”, a reprodução social é uma condição de funcionamento indispensável para a reprodução de mercadorias.

Em outros termos, podemos dizer que a subordinação das mulheres à dominação constante de seus pensamentos e formas de agir, está diretamente ligada a um sistema dominante que visa a perpetuação no poder, e o enriquecimento ininterrupto por meio da exploração dos serviços que são considerados “naturais”, mas que em verdade sustentam e perpetuam o sistema capitalista. Mas a exploração do sistema não é feita apenas sobre as mulheres, também é realizada de forma racial na forma de expropriação de territórios. Assim, vimos surgir o feminismo negro e o feminismo interseccional que questionam as opressões que mulheres brancas não sofrem. Ou

seja, o sistema, para além das opressões de gênero, sustenta opressões raciais e expropriações como acontecem nos territórios indígenas.

Os Feminismos formam a junção para o combate a todas as formas de opressões. E quanto mais resistentes, e quanto mais Feminismos aparecem, automaticamente, mais violentos são os embates contra as feministas. Todavia, enquanto sociedade, falta-nos a clareza das lutas feministas. A resistência é confundida, muitas vezes, com assistencialismo, que cobra ações sociais, ao invés de enxergar a luta das mulheres como uma resistência secular de movimentos e principalmente como nova forma de vida e existência.

Na perspectiva de hooks “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e opressão” (2022, p. 13). A autora esclarece que essa definição evidencia que ser feminista não é ser contra homens, mas sim contra o sexismo. Porém, hooks (2022) nos lembra mais uma vez que:

todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens. Isso não significa que seria inocência e equívoco de pensadoras feministas simplificar o feminismo e enxergá-lo como se fosse um movimento de mulher contra homem. Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas (hooks, 2022, p. 13).

Este pensamento de hooks nos direciona para a necessidade de, nos dias atuais, buscarmos cada vez mais propagar as ideias feministas. Pois, de forma simples e consciente, se a educação fosse voltada para a emancipação do pensamento, seria impossível a adesão consciente às formas de violências. Entretanto, a falta de uma consciência histórica nos leva, cada vez mais, à reprodução de discursos machistas e violentos que nos distanciam da emancipação e do avanço das pautas dos Feminismos, as quais, são pautas globais, que visam à emancipação de toda a humanidade.

O ESCÂNDALO DA IGUALDADE

Há pouco tempo, o substantivo “aberração” tornou-se um adjetivo adicionado às mulheres que reclamavam o direito de estudar, às que estudavam, ou a muitas das que se manifestavam pelo direito de poder votar. Inclusive, muitas mulheres se dirigiam assim para outras

mulheres, pois achavam que o direito de estudar assim como o direito de votar, eram e sempre seriam coisas de homens.

Em contraponto com essa situação, diversos avanços alcançados sempre foram vistos da mesma forma, como por exemplo o direito de pedir o divórcio, ou o simples fato de poder dirigir um ônibus ou um caminhão. Exemplos assim causaram muita estranheza nas populações acostumadas a ver o nicho dominado por homens. Recentemente, com o falecimento do Papa Francisco, quatro mulheres protestaram segurando em mãos uma tocha onde saía fumaça rosa. O protesto realizado em Roma, questionando o conclave exclusivamente masculino, chamou a atenção do noticiário nacional mais difundido no país.

A rede social do G1, que apresentou a notícia, recebeu em seu perfil uma quantidade gigantesca de interação de homens e mulheres que ultrapassou 23 mil comentários, dos quais não foi possível encontrar, numa busca rápida, posicionamentos a favor das mulheres que protestavam. Todavia, a memória social, de modo genérico, nos impede de perceber que a conquista do direito de estudar e do direito ao voto feminino, teve no início, a mesma resistência.

Nísia Floresta, considerada a mulher que inaugurou o feminismo no Brasil, nascida em 1810, foi uma das primeiras mulheres que questionou a necessidade de uma educação igualitária que logo possibilitou a reivindicação ao direito de votar:

Assim, a contribuição de Nísia Floresta deve ser exaltada nesta que foi a primeira das reivindicações femininas: a educação igualitária entre homens e mulheres. Apesar de sua conquista ainda ter demorado algumas décadas para acontecer no Brasil, considero que foi através de seu embate que a questão da emancipação feminina pode ser cada vez mais debatida, compreendida e apreendida pelas brasileiras. Levando a novas reivindicações, tais como o direito de participar de forma ativa da vida pública do País e até o direito de votar (Karawejczyk, 2010, p. 122).

Neste período, questionar para uma educação igualitária também era considerado um absurdo. Podemos dizer que Nísia Floresta era vista como foram vistas as quatro mulheres em Roma, que protestaram contra o conclave exclusivamente masculino. Ou seja, a história se repete com outras vestes, mas o comportamento das massas é o mesmo. Isto é, a visão limitada do presente, nos impede enquanto sociedade, de perceber a fundo as questões que permeiam nossa história. E o perigo desta forma de “despensamento” é a fatalidade de repetir o passado. Mas, será que num futuro de 200 anos adiante estas quatro mulheres seriam vistas com as mesmas lentes do absurdo que pesam nos dias atuais?

Para Tiburi, “desmontar a máquina patriarcal é como desativar um programa de pensamento que orienta nosso comportamento” (2019, p. 41). Em outras palavras, ler sobre os feminismos é ir contra o conceito social reproduzido sobre as mulheres, que nos levou a aceitar por muitos anos a privação do estudo, assim como por muitos anos também, a privação do voto. Posto que estas eram consideradas “coisas de homem”.

Porém, com o passar dos anos, ainda há questões enraizadas que socialmente consideramos pertencentes aos homens. Não obstante, todas as conquistas realizadas por mulheres enfrentaram a mesma resistência. Todas eram consideradas “coisas de homens”, mas com o passar do tempo foram desconstruídas e socialmente percebeu-se que eles realmente estavam enganados. Assim, o direito de estudar, o direito de votar, o de poder conduzir um caminhão, um ônibus, ou pilotar um avião, todas essas coisas podem ser coisas de mulheres. Os Feminismos nos auxiliam e forçam a desconstrução destes sistemas. Ainda para Tiburi (2019):

O feminismo organiza um impulso perigoso à ordem dada como natural. Por isso, conservadores constantemente se apropriam do feminismo, tentam capturá-lo e transformá-lo em mercadoria. Na impossibilidade de fazer dele algo palatável ao mercado, o feminismo é transformado por seus detratores em uma excrescência inútil (Tiburi, 2019, p. 27).

Por estes motivos, e tantos outros, as mulheres feministas são odiadas, até mesmo por outras mulheres. Mas, não apenas a educação, o letramento e a leitura são o suficiente para atingir o pensamento crítico. Segundo a teoria Adorniana:

A educação não é necessariamente um fator de emancipação. Numa época em que educação, ciência e tecnologia se apresentam – agora “globalmente”, conforme a moda em voga – como passaportes para um mundo “moderno” conforme os ideais de humanização, essas considerações de Theodor W. Adorno podem soar como um melancólico desânimo. Na verdade, significam o contrário: a necessidade da crítica permanente. Após Auschwitz, é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando que este perdure e, assim, que ele se repita (Adorno, 2022, p. 11).

Adorno nos exorta à crítica constante. E nos aponta que a educação, por si só, apartada de um pensamento crítico, pode nos encaminhar para a repetição das barbáries já enfrentadas anteriormente. Um exemplo recente desta situação, no âmbito do cenário que envolve as mulheres, é o fato de que mulheres ligadas politicamente ao conservadorismo extremo, tentaram mudar o Artigo 128 da Lei 2.848 de 7 de dezembro de 1940, que prevê a possibilidade do aborto em caso de estupro.

A ação levantada por políticos alinhados à extrema direita, além de desrespeitar as vítimas, querendo impor a obrigatoriedade de uma gestação gerada por violências, imprime nesse contexto, a tentativa de uma colonização da fé, querendo esta seja decretada e amparada por lei. Em outras palavras, um direito adquirido há 85 anos, ainda corre o risco de ser retirado, se não estivermos atentos às escolhas parlamentares realizadas. E, apesar dos riscos constantes da perda de direitos, esses mesmos parlamentares pouco ou nada realizam para o impedimento do avanço de estupros de crianças, adolescentes e mulheres. Assim como pouco realizam para o enfrentamento das violências sociais enfrentadas pelas populações mais vulneráveis.

Isso deixa claro que não há uma preocupação real com a vida das crianças. Mas há sim, sem grande rigor, uma suposta preocupação de fachada com uma ideologia religiosa a qual, pode permitir, se bem estruturada, a reeleição contínua e a perpetuação do poderio de um grupo específico que entendeu, que a perpetuação do poder se faz através de uma política que se aproxima do povo, não com o interesses genuínos da realização de uma justiça social, e igualitária, não para melhorar a vida de quem necessita e nem para acabar com as violências, mas apenas para usar a política, como afirmou Pepe Mujica, como um instrumento para acumular riquezas.

Por isso, Adorno (2022) aponta para a necessidade de leituras críticas emancipadoras. Abaixo citamos alguns livros de viés emancipadores que buscam e acreditam numa nova forma de vida, com parâmetros anticapitalistas, assim como nos leva à reflexão sobre as nossas atuais práticas sociais de existência:

Foto 1: “Feminismo em comum - Para todas, todes e todos”, de Márcia Tiburi.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 2: “O Feminismo é para todo mundo - Políticas arrebatadoras”, de bell hooks”



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 3: “Feminismo para os 99% - um manifesto” de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser”



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 4: “Sejamos todos feministas” de Chimamanda Ngozi Adichie”



Arquivo: Site Companhia das Letras.

As leituras feministas, como a de Nancy Fraser, nos despertam a necessidade de uma nova forma de enxergar o mundo, pois o sistema capitalista nos está engolindo por inteiro. Realizar leituras feministas emancipadoras nos encaminham para uma nova forma de pensar, e de existir de maneira organizada e plena, respeitando a humanidade das pessoas, assim como suas raças e territórios. Para a autora, o capitalismo nos está engolindo lentamente.

Entre algumas leituras de mulheres feministas que buscam a emancipação citamos os nomes de autoras de livros como: Marcia Tiburi, Djamila Ribeiro, Bárbara Carine, Nancy Fraser, Chimamanda Ngozi Adichie, Gerda Lerner, Judith Butler, Cinzia Arruza, Tithi Bhattacharya, Angela Davis, Silvia Federici, bell hooks, Conceição Evaristo, Naomi Wolf, e tantas outras que constroem através da escrita muralhas contra as violências. Todavia, cabe a nós, as leituras destas mulheres, e o posicionamento constante e atento contra todas as opressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho aponta que as escolhas sociais das massas não são neutras, mas são parte de um projeto de manutenção dos privilégios e da perpetuação das opressões para a continuação do lucro constante das sociedades capitalistas. Os Feminismos que se contrapõem a esta forma de existência são por isso menosprezados e até mesmo “demonizados” para impedir que mais mulheres abracem seus ideais.

A religiosidade tem sido usada como instrumento pedagógico contra os Feminismos, todavia, os Feminismos não são contra as religiões, mas sim contra os discursos machistas propagados por elas que inviabilizam a emancipação do pensamento feminino por meio de ameaças e do suborno para uma suposta “boa vida” após a morte. O presente estudo ressalta que os Feminismos não são contra a religiosidade, inclusive esclarecem que foram os feminismos que propiciaram que mais mulheres pudessem ter uma prática espiritual livre de opressões masculinistas.

Demonstra, ademais, como o desconhecimento histórico das lutas feministas nos leva à repetição de preconceitos, os quais estão enraizados no conjunto social. Preconceitos estes que já haviam sido reproduzidos em outros tempos, mas em outros moldes. Contudo, por não elaborarmos constantemente nosso passado, nos deparamos com a repetição constante dos mesmos erros, das mesmas opressões, e das mesmas formas de violências contra as mulheres e contra seus filhos. Este texto nos direciona, finalmente, ainda à leitura dos Feminismos emancipadores, que são necessários para, enfim, chegarmos um dia a uma sociedade livre de violências.

REFERÊNCIA

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 5ª ed. revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo, Boitempo, 2019.

FRASER, Nancy. **Capitalismo Canibal**: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 80 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 19 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022.

KARAWJCZYK, Mônica. Métis - história e cultura: **Nísia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional**. Disponível em [\[https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/993\]](https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/993) Acesso em 13/05/2025.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista**: A luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. São Paulo: Cultrix, 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: Para todas, todes e todos. 12 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

Ignorance is Not neutral: The Urgency of Feminist Readings.

Sharon Elizabet Rogoski³

Keyla Andrea Santiago Oliveira⁴

INTRODUCTION

When preconceptions about a meaning remain rooted in the cultural core of an entire society, it is very common to find people who, upon hearing about feminism, readily invoke pejorative and derogatory adjectives against women who openly recognize themselves as feminists or those who defend feminism. In other words, the prejudice generated by the lack of emancipatory critical readings even gives rise to an inversion of meanings, as if "being feminist" were—in a specific, limited context—an insult. But contrary to the intended offense, what becomes evident is the lack of a critical reading of the world surrounding women, as well as a lack of knowledge of the struggles and achievements that shape their history.

However, ignorance is not neutral. Dominating the thinking of the masses is necessary for the continuation of the status quo. Women, in this context, have been subjected to domination since before Aristotle, as explained by Tiburi (2019):

In the world of the Greek polis, the voice that leads to the expression and sharing of ideas is exercised. Thus, the realm of Athenian democracy is constituted, occupied by men in the agora, which is, precisely, the public space for encounters between citizens. In the space of the home, there is work, procreation, and the organized sustenance of life (Tiburi, 2019, p. 105).⁵

For over two thousand years, men have dominated the debates about ideas. This could be compared to the spaces occupied in politics, but in daily life, the place of the home reserved for women is evident. On festive occasions, it's common to see how supposed praise reproduces a misogynistic view of women; messages often feature phrases like "warrior," "queen of the home," and "women change the world with gentleness." All of these messages minimize the violence

³ Master's student in Education at the State University of Mato Grosso do Sul UEMC. E-mail: sharonrogoski@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6458813327968220>; Orcid iD: 0009-0007-7189-99505.

⁴ Post-Doctorate from the University of Brasília - UNB. E-mail: keylaandrea@uems.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2084936240964535>, Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0805-106X>.

⁵ Traduzido do Português para o Inglês.

committed. And those who survive this system are called warriors. But these women only fight because of the neglect they receive in all areas. The queens of the home are the women who carry the mental burden of running an entire household, without a division of tasks. The last sentence, we could say, is the elicitation of a revolt, a call for acceptance, for obedience projected and expected by the system—in other words, it's silencing hidden in the form of praise.

In other words, we have made progress, but despite some advances, we still reproduce several age-old masculinist experiences that, according to Lerner (2022), were presented to us as natural. For the author, if it were understood that these are merely social constructs, they would be easier to refute and understand. However, when presented as natural, "the package comes with the conformism that this is how things are, always have been, and always will be" (Lerner, 2022, p. 16). This view is also largely rooted in religious systems, which geographically determine, for each individual, in a generic way, the beliefs they will defend and profess throughout their lives.

As a society, we are far from an emancipation of thought. And the distancing from a critical reading of the world increasingly leads us to accept the thinking we are directed, from birth, to reproduce. Thus, this article proposes a reflection on the consequences of the absence of critical reading regarding feminisms, as this directly impacts our way of life. Opposition to the emancipation of thought imprisons us in the systematic reproduction of oppression. Beliefs inherited through banking—which, for Freire (2021), would be a learning process where subjects become custodians of memorized content, without reinvention and without transformative critique—make us reproducers of an experience that was not chosen through emancipated thinking, but rather is merely reproduced transgenerationally based on each individual's physical and social location.

It is important to emphasize, however, that conscious choices and emancipatory feminist interpretations do not negate the possibility of embracing religiosity. On the contrary, feminism in this context "has helped transform patriarchal religious thought so that more women can find a connection with the sacred and commit to spiritual life" (bell, 2022, p. 155).

Bell's text exposes how common it is to see that the reproduction of these contexts, which embrace the millennial reproduction of beliefs, is not neutral. That is, the historical erasure and repression of feminist thought serve, as we have seen, to maintain a system that, beyond social privileges, profits economically from the exploitation of gendered bodies, which must struggle to effectively exist. Thus, the "demonization" of feminist content and the systematic rejection of its

agendas are not exactly a conscious choice, but rather a reproduction designed for the masses, whose domination is carried out through a terrorism supposedly endorsed by heaven, and the fictitious bribery of a full life, or a hellish afterlife. But constant threat is just one of the weapons of domination used against bodies resistant to patriarchy.

With this in mind, we developed this article through a critical, bibliographical analysis aimed at encouraging critical reading of feminisms. Anchored in critical theory that aims at the emancipation of women and society, this work also constructs a social critique of the forms of resistance to emancipation and the advancement of women's struggles.

We highlight the leading figures in this work, including Brazilian Marcia Tiburi (2019) and other equally important women from other countries such as Nancy Fraser (2024), bell hooks (2022), Gerda Lerner (2022), among others who, globally, promote various forms of feminism, which enabled the emergence of Black feminism, intersectional feminism, Indigenous feminism, ecofeminism, radical feminism, transfeminism, and many other forms in which they are present. All of them are different, but interconnected by their anti-capitalist core, which, because it opposes all the oppressions that afflict us as women and as a society, are also emancipatory feminisms. Unlike liberal or neoliberal feminism, which only aims for the advancement of women without the social emancipation of all and without the end of oppression.

Although far from the nonviolent ideals imagined and longed for by Feminism, the hope for gender equality and social justice for all is latent and drives us to continue to increasingly identify who and why create so many fallacies that attempt to dominate us through fear, violence, and the demonization of feminists.

WHO PROFITS FROM THE FEAR OF FEMINISM?

Before answering the question above, another question arises: With the barbaric rates of violence against women and their children, why don't we all embrace Feminism to end all forms of violence? To elucidate our answer, we will rely on several women who explain the plurality of feminisms that exist today, as well as the need for their pluralization, and how this struggle transcends the understanding that Feminisms are only for women.

According to Arruza, Bhattacharya, and Fraser (2019), we need an anti-capitalist feminism that is for the 99% of humanity. This is why they created the manifesto that is also the title of their book, "Feminism for the 99%." These women's feminism refuses:

[...] to sacrifice the well-being of the majority in order to protect the freedom of the minority; it fights for the needs and rights of the majority: poor and working-class women, immigrant women of color, queer women, trans women, and women with disabilities, women encouraged to see themselves as members of the "middle class" while capital exploits them. And that's not all. This feminism is not limited to "women's issues" as it has traditionally been defined. Defending all people who are exploited, dominated, and oppressed, it aims to become a source of hope for humanity (Fraser, 2019, pp. 41-42).⁶

In other words, the authors advocate for the liberation of women from all forms of oppression, because, according to Freire, "If awareness paves the way for the expression of social dissatisfaction, it is because these are real components of a situation of oppression" (2021, p. 32). However, those who benefit from masculinism have created narratives of domination to continue profiting and benefiting. And these narratives are adopted by other women who, by following the playbook imposed by them, also benefit, to some extent, from the oppression they cause, since "[...] the expansion of capital does not occur through the exchange of equivalents, as the market perspective suggests, but precisely through its opposite: through the non-remuneration of a portion of workers' labor time" (Fraser, 2024, p. 30).

In other words, the exploitation of workers is also carried out through the exploitation of women by other women. For example, it is common to outsource domestic or care services, rather than divide these tasks equally among residents.

As described by Fraser (2024, p. 30):

[...] the activity of social reproduction is absolutely necessary for the existence of wage labor, the accumulation of surplus value, and the functioning of capitalism as such. Wage labor could not exist in the absence of domestic work, child rearing, education, emotional care, and various other activities that help produce new generations of workers and replace existing ones [...] Therefore, like "original accumulation," social reproduction is an indispensable functioning condition for the reproduction of commodities.⁷

In other words, we can say that the subordination of women to the constant domination of their thoughts and ways of acting is directly linked to a dominant system that aims to perpetuate power and uninterrupted enrichment through the exploitation of services considered "natural," but which in fact sustain and perpetuate the capitalist system. But the system's exploitation isn't limited to women; it's also carried out racially, in the form of territorial expropriation. Thus, we've seen the emergence of Black feminism and intersectional feminism, which question the oppressions

⁶ Traduzido do Português para o Inglês.

⁷ Traduzido do Português para o Inglês.

that white women don't suffer. In other words, the system, beyond gender oppression, sustains racial oppression and expropriation, as occurs in Indigenous territories.

Feminisms form the nexus for combating all forms of oppression. And the more resistant, and the more feminisms emerge, the more violent the clashes against feminists automatically become. However, as a society, we lack clarity about feminist struggles. Resistance is often confused with welfare, which demands social action, rather than seeing women's struggles as a centuries-old resistance of movements and, above all, as a new way of life and existence.

In hooks's perspective, "Feminism is a movement to end sexism, sexist exploitation, and oppression" (2022, p. 13). The author clarifies that this definition shows that being a feminist is not about being against men, but rather against sexism. However, hooks (2022) remind us once again that:

All of us, women and men, have been socialized from birth to accept sexist thoughts and actions. Consequently, women can be just as sexist as men. This does not mean that it would be naive and mistaken for feminist thinkers to simplify feminism and see it as a movement of women against men. To end patriarchy (another way of naming institutionalized sexism), we need to make it clear that we all participate in the spread of sexism, until we change our consciousness and our hearts; until we detach ourselves from sexist thoughts and actions and replace them with feminist thoughts and actions (hooks, 2022, p. 13).⁸

This line of thinking by hooks points to the need to increasingly promote feminist ideas today. Simply and consciously, if education were focused on the emancipation of thought, it would be impossible to consciously embrace forms of violence. However, the lack of historical awareness increasingly leads us to the reproduction of sexist and violent discourses that distance us from emancipation and the advancement of feminist agendas, which are global agendas that aim for the emancipation of all humanity.

THE SCANDAL OF EQUALITY

Not long ago, the noun "aberration" became an adjective applied to women demanding the right to study, to those who were studying, or to many who demonstrated for the right to vote. In fact, many women addressed other women this way, believing that the right to study, like the right to vote, were and always would be men's affairs.

⁸ Traduzido do Português para o Inglês.

In contrast, many advances achieved were always viewed in the same way, such as the right to divorce, or the simple fact of being able to drive a bus or a truck. Examples like these caused considerable surprise among populations accustomed to seeing the male-dominated niche. Recently, following the death of Pope Francis, four women protested holding a torch from which pink smoke billowed. The protest in Rome, challenging the all-male conclave, caught the attention of the country's most widely broadcast national news program.

The G1 social media platform, which reported the news, received a massive amount of interaction from men and women on its profile, exceeding 23,000 comments. A quick search failed to reveal any positions in favor of the protesting women. However, social memory, in general terms, prevents us from realizing that the achievement of the right to education and the right to vote for women initially faced the same resistance.

Nísia Floresta, born in 1810 and considered the woman who pioneered feminism in Brazil, was one of the first women to question the need for equal education, which soon made it possible to demand the right to vote:

Thus, Nísia Floresta's contribution should be exalted in what was the first of women's demands: equal education for men and women. Although her achievement took several decades to materialize in Brazil, I believe it was through her struggle that the issue of women's emancipation could be increasingly debated, understood, and embraced by Brazilian women. This led to new demands, such as the right to actively participate in the country's public life and even the right to vote (Karawejczyk, 2010, p. 122).⁹

During this period, arguing for equal education was also considered absurd. We can say that Nísia Floresta was viewed in the same way as the four women in Rome who protested the all-male conclave. In other words, history repeats itself in different guises, but the behavior of the masses is the same. This limited view of the present prevents us, as a society, from fully understanding the issues that permeate our history. And the danger of this form of "unthinking" is the inevitable repetition of the past. But, 200 years from now, would these four women be viewed through the same lens of absurdity that weighs heavily on us today?

For Tiburi, "dismantling the patriarchal machine is like deactivating a thought program that guides our behavior" (2019, p. 41). In other words, reading about feminisms is to go against the socially reproduced concept of women, which led us to accept for many years the deprivation

⁹ Traduzido do Português para o Inglês.

of education, as well as for many years, the deprivation of the right to vote. These were considered "men's things."

However, over the years, there are still deep-rooted issues that we socially consider to belong to men. Nevertheless, all the achievements made by women faced the same resistance. They were all considered "men's things," but over time, they were deconstructed, and society realized that men were indeed mistaken. Thus, the right to study, the right to vote, the right to drive a truck, a bus, or fly a plane—all these things can be women's things. Feminisms help us and force the deconstruction of these systems. Still for Tiburi (2019):

Feminism organizes a dangerous impulse against the order taken for granted. Therefore, conservatives constantly appropriate feminism, trying to capture it and transform it into a commodity. Unable to make it palatable to the market, feminism is transformed by its detractors into a useless excrescence (Tiburi, 2019, p. 27).¹⁰

For these and many other reasons, feminist women are hated, even by other women. But education, literacy, and reading alone are not enough to achieve critical thinking. According to Adornian theory:

Education is not necessarily a factor of emancipation. At a time when education, science, and technology present themselves—now "globally," according to the current fashion—as passports to a "modern" world in line with ideals of humanization, these considerations by Theodor W. Adorno may sound like melancholic discouragement. In fact, they mean the opposite: the need for permanent criticism. After Auschwitz, it is necessary to elaborate on the past and criticize the damaged present, preventing it from lasting and, thus, from repeating itself (Adorno, 2022, p. 11).¹¹

Adorno urges us to be constantly critical. And he points out that education, in itself, separated from critical thinking, can lead us to repeat the barbarities we have faced before. A recent example of this situation, in the context of women, is the fact that women politically linked to extreme conservatism attempted to change Article 128 of Law 2.848 of December 7, 1940, which provides for the possibility of abortion in cases of rape.

The action taken by politicians aligned with the far right, besides disrespecting victims by seeking to impose the mandatory nature of pregnancies resulting from violence, embodies, in this context, an attempt to colonize faith, demanding that it be decreed and protected by law. In other words, a right acquired 85 years ago still risks being taken away if we are not attentive to the parliamentary choices made. And, despite the constant risk of losing their rights, these same

¹⁰ Traduzido do Português para o Inglês.

¹¹ Traduzido do Português para o Inglês.

parliamentarians do little or nothing to prevent the escalation of rapes against children, adolescents, and women. They also do little to address the social violence faced by the most vulnerable populations.

This makes it clear that there is no real concern for children's lives. Rather, there is, albeit without much rigor, a supposed superficial concern for a religious ideology that, if well-structured, can allow for the continued reelection and perpetuation of the power of a specific group that understands that the perpetuation of power is achieved through a politics that approaches the people, not with the genuine interest of achieving social and egalitarian justice, not to improve the lives of those in need or to end violence, but simply to use politics, as Pepe Mujica stated, as a tool for accumulating wealth.

Therefore, Adorno (2022) points to the need for emancipatory critical readings. Below, we cite some books with an emancipatory bias that seek and believe in a new way of life, with anti-capitalist parameters, and that lead us to reflect on our current social practices:

Photo 1: "Feminism in Common - For All, All and All," by Márcia Tiburi.



Source: Personal archive.

Photo 2: "Feminism is for Everyone - Sweeping Politics," by bell hooks".



Source: Personal archive.

Photo 3: "Feminism for the 99% - A Manifesto" by Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya, and Nancy Fraser.



Source: Personal archive.

Photo 4: "We Should All Be Feminists" by Chimamanda Ngozi Adichie.



Archive: Companhia das Letras website.

Feminist readings, such as those by Nancy Fraser, awaken in us the need for a new way of seeing the world, as the capitalist system is swallowing us whole. Engaging in emancipatory feminist readings guides us toward a new way of thinking and existing in an organized and fulfilling manner, respecting the humanity of people, as well as their races and territories. For the author, capitalism is slowly swallowing us.

Among some readings by feminist women seeking emancipation, we cite the names of authors such as Marcia Tiburi, Djamila Ribeiro, Bárbara Carine, Nancy Fraser, Chimamanda Ngozi Adichie, Gerda Lerner, Judith Butler, Cinzia Arruza, Tithi Bhattacharya, Angela Davis, Silvia Federici, bell hooks, Conceição Evaristo, Naomi Wolf, and so many others who build walls against violence through writing. However, it is up to us to read these women and to take a constant and attentive stance against all forms of oppression.

FINAL CONSIDERATIONS

This work highlights that the social choices of the masses are not neutral, but rather are part of a project to maintain privileges and perpetuate oppression for the continued profits of capitalist societies. Feminisms that oppose this form of existence are therefore belittled and even "demonized" to prevent more women from embracing their ideals.

Religiosity has been used as a pedagogical tool against feminism. However, feminism is not against religions, but rather against the sexist discourses propagated by them that hinder the emancipation of female thought through threats and bribery for a supposed "good life" after death. This study emphasizes that feminism is not against religiosity, and even clarifies that it was feminism that enabled more women to have a spiritual practice free from masculinist oppression.

It also demonstrates how a lack of historical knowledge of feminist struggles leads us to repeat prejudices that are rooted in society as a whole. These prejudices had already been reproduced in other times, but in different forms. However, because we do not constantly address our past, we are faced with the constant repetition of the same mistakes, the same oppressions, and the same forms of violence against women and their children. This text ultimately directs us to the reading of emancipatory feminisms, which are necessary to finally achieve a society free of violence.

REFERENCE

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 5ª ed. revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo, Boitempo, 2019.

FRASER, Nancy. **Capitalismo Canibal**: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 80 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 19 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022.

KARAWJCZYK, Mônica. Métis - história e cultura: **Nísia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional**. Disponível em [\[https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/993\]](https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/993) Acesso em 13/05/2025.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista**: A luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. São Paulo: Cultrix, 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: Para todas, todes e todos. 12 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.